

B"H  
**PARASHAT SHELACH**

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

***Favor não transportar este impresso no Shabat, após o Shabat, estará à sua disposição***

***Benê Yisrael pedem que Moshê envie espiões a Êrets Yisrael***

*Benê Yisrael* estavam agora a sudoeste de *Êrets Yisrael*. Sabiam que em breve subiriam a montanha até a fronteira de *Êrets Yisrael*.

Aproximaram-se de Moshê com um pedido. A única tribo que não se juntou à multidão foi a de Levi.

"Deixe-nos enviar espiões à nossa frente" – pediu o povo a Moshê – "para investigar a Terra. Eles nos aconselharão sobre a rota a ser tomada. Também informarão quais cidades podem ser facilmente conquistadas, para que saibamos onde atacar primeiro."

É óbvio que não necessitavam de espiões para reconhecer a Terra. A Nuvem de Glória e a Arca de *Hashem* viajavam na frente do povo. Preparavam o caminho, e indicavam para onde ir.

*Benê Yisrael*, portanto, apresentaram argumentos para convencer Moshê da necessidade de exploradores.

"*Hashem* prometeu levar-nos à Terra repleta com tudo de bom e bens preciosos," disseram-lhe. "Antes de nossa chegada, os canaanitas com certeza esconderão de nós todos os seus bens de valor. Por isso, é uma boa idéia enviar agentes secretos para observar os habitantes e investigar seus esconderijos. Mais que isso, *Hashem* prometeu expulsar os habitantes de *Êrets Kenaan* aos poucos. Precisamos decidir quais cidades atacar e conquistar primeiro. Os espiões também averiguarão a língua nativa. Se soubermos sua língua, podemos ser treinados para espioná-los durante a guerra, a fim de descobrir suas estratégias."

*Benê Yisrael*, na verdade, queriam enviar espiões por causa de duas dúvidas que os rondavam:

1. Apesar de *Hashem* ter-lhes assegurado que *Êrets Yisrael* era uma terra boa, ninguém daquela geração a tinha visto. Não estavam convencidos de que a terra era especial o bastante para garantir uma guerra de grandes proporções (a guerra da época de Yehoshua durou sete anos). *Benê Yisrael* queriam confirmação com relatos de testemunhas oculares de que a Terra Prometida era de fato boa.

2. Comparados aos numerosos e bem treinados exércitos das sete nações que habitavam *Êrets Kenaan*, *Benê Yisrael* tinha apenas um punhado de guerreiros não treinados. Como ousariam enfrentar inimigo tão temido em terreno desconhecido, sem saber exatamente seu número, o poderio de seu exército, e outros detalhes relevantes ao combate?

O Todo Poderoso condenou sua falta de fé em Sua palavra, proclamando, por conseguinte, que aquela geração não entraria em *Êrets Yisrael*. O episódio todo pode ser ilustrado pela seguinte parábola:

O príncipe chegou à idade casadoura. Era preciso encontrar uma noiva à altura. Seu pai escolheu uma moça cuidadosamente selecionada dentre todas as elegíveis.

"Tenho uma ótima moça para você," informou o pai ao filho. "Ela é sábia, bela, talentosa, e de nobre estirpe. Possui todas as qualidades que qualquer um desejaria."

O filho não estava convencido: "Deixe-me encontrá-la, para ver por mim mesmo."

O rei ficou muito desgostoso por seu filho não confiar nele. "Se recusar seu pedido, pensará que ela é feia. Por isso, deixarei que ele a encontre, assim se convencerá de que ela é realmente bela. Contudo, como ele não confia em mim, não deixarei que se case com ela. Em vez disso, reservarei esta moça para seu filho."

Similarmente, *Hashem* já decidira que a geração que não acreditou em Sua palavra não era merecedora de entrar em *Êrets Yisrael*. A Tribo de Levi, todavia, não requisitara espiões, e nenhum espião desta tribo fora enviado; conseqüentemente, os *leviyim* entraram na Terra.

Quando Moshê ouviu o pedido do povo, replicou: "Jamais darei um passo antes de consultar *Hashem*. Concordarei apenas se Ele sancionar seu plano."

Moshê perguntou ao Todo Poderoso: "Consentes em enviar espiões a *Êrets Kenaan*?"

"Se você assim o desejar," respondeu *Hashem*, "não o impedirei. Todavia, Moshê, envie espiões por você mesmo, não por Mim."

Quando o dono do vinhedo percebeu que a vindima estava indo muito bem e que as uvas daquela safra resultariam em vinho doce e delicioso, ordenou a seus trabalhadores: "Tragam todas as uvas ao meu celeiro!"

Contudo, de outra vez, quando experimentou uvas de outra estação, percebeu que resultariam em vinho ácido. Portanto, disse aos trabalhadores: "Podem levar todas essas uvas aos seus próprios celeiros!"

Similarmente, *Hashem* previu que os espiões não dariam certo, “azedariam”; por isso, não usou a frase: “Envie espiões para Mim” (como dissera, por exemplo, “Junte para Mim setenta homens; traga a Mim os *leviyim*”). Em vez disso, consentiu com as palavras: “Envie espiões por você mesmo.”

Apesar de *Hashem* saber que os espiões falhariam em sua missão e trariam punição à geração inteira, não os proibiu de viajarem a *Êrets Yisrael* por diversas razões. Dentre elas:

1. Se recusasse o pedido de *Benê Yisrael*, poderiam supor que a Terra não era verdadeiramente tão boa como Ele prometera. O *chilul Hashem* (profanação do Nome de *Hashem*) de acreditarem que o Todo Poderoso decepcionou-os era pior que a eventual punição da geração.

2. Apesar de o Todo Poderoso prever todos os eventos futuros, Ele concede livre arbítrio a cada um. Embora a exigência de *Benê Yisrael* por espiões estivesse errada, os espiões tinham a opção de trazer um relato positivo e tornar a missão um sucesso.

De fato, Moshê consultou *Hashem* no que concerne a cada espião individualmente, se era ou não *tsadic*, e *Hashem* confirmou acerca de cada um: “Ele é um indivíduo valoroso.”

No princípio desta *Parashá*, os espiões são descritos como “*anashim*”, homens distintos, indicando que quando principiaram sua missão, ainda eram todos virtuosos.

Os doze homens escolhidos eram os doze melhores de *Benê Yisrael*.

Quando Moshê informou aos judeus que *Hashem* concordara com a empreitada, esperava que *Benê Yisrael* respondessem que não necessitavam de espiões. Afinal, o fato de que a permissão fora concedida significava que *Êrets Yisrael* deveria ser uma boa terra.

Moshê tinha esperança de que sua aquiescência dissuadisse o povo de insistir no pedido. Os sábios relatam: Alguém quer comprar um asno, mas diz que quer primeiro testá-lo. O vendedor, entusiasmado, concorda. “Posso levá-lo tanto para montanhas como para vales?” pergunta o comprador.

“Claro!” responde o vendedor.

Vendo que o vendedor estava tão confiante na coragem e astúcia do animal, o comprador decide que não tem nada a temer, e não faz o teste. Compra o asno e fica muito satisfeito.

Portanto, Moshê pensou que sua prontidão em concordar com o pedido do povo o convenceria de que não tinha nada a temer.

Ele estava errado; eles queriam ouvir sobre a Terra da boca de seus iguais. Assim, Moshê enviou os espiões.

### **Moshê chama seu aluno Hoshea pelo novo nome: Yehoshua**

Um dos espiões escolhidos por Moshê era o notável aluno Yehoshua. Na verdade, seu nome sempre fora Hoshea. Antes da viagem dos espiões, Moshê mudou seu nome para Yehoshua. Adicionou a letra extra *Yud* ao início do nome. (Moshê utilizou-se do *Yud* que *Hashem* havia retirado do nome de Sarai, a primeira matriarca, ao mudar seu nome para Sara.)

A *Torá* refere-se a ele como Yehoshua antes mesmo deste fato, em honra a Moshê, que lhe deu este nome.

Por que Moshê fez isso? Temia que os espiões pudessem não cumprir a incumbência de maneira correta. E assim, adicionou a Hoshea a letra *Yud*, que vale como nome de *Hashem*, como se para dizer: “Que *Hashem* o salve dos perversos planos dos espiões!”

Por que Moshê preocupou-se especialmente por Yehoshua?

Como lemos na *Parashá* passada, era de conhecimento geral, através da profecia anunciada por Eldad que, após o falecimento de Moshê, Yehoshua o sucederia. Moshê pensou que Yehoshua pudesse juntar-se aos espiões por causa de sua grande modéstia. Uma vez que fora decretado que Moshê faleceria antes de entrar na Terra, Yehoshua poderia aquiescer ao plano deles a fim de prolongar a vida de Moshê, adiando, assim, o momento em que ele próprio assumiria o manto da liderança.

A troca do nome de Yehoshua denota que, mesmo antes da missão começar, Moshê suspeitava que não terminaria bem. Não obstante, permitiu que os espiões fossem, pois o povo assim queria, e *Hashem* não nega ao povo seu livre-arbítrio.

### **Moshê instrui os Espiões**

Moshê jamais vira pessoalmente a Terra Prometida, mas tinha fé explícita na garantia de *Hashem* de que era uma terra na qual “jorravam o leite e o mel”.

Por isso, forneceu instruções detalhadas aos espiões, que os fariam retornar, pensou, com um relato extremamente favorável. O povo então viajaria à terra em júbilo.

Esclareceu extensamente os espiões nos dois pontos seguintes:

1. Deveriam tomar a rota designada a mostrar-lhes a fertilidade da terra, sua produtividade e clima favorável.

2. O sul de *Êrets Yisrael* é sua parte menos fértil. (Por esta razão as vizinhanças de Chevron foram escolhidas como cemitério.) Não obstante, até mesmo esta região era sete vezes mais frutífera que a cidade mais

produtiva na fértil terra do Egito. Moshê instruiu os espiões para que começassem investigando esta região, e então prosseguirem para o norte, em direção a áreas cada vez mais produtivas, a fim de apreciar plenamente a fantástica abundância da terra.

“Encontrem os louvores de *Êrets Yisrael*,” disse-lhes. “Vejam se os frutos são grandes e suculentos ou secos e mirrados (e não deixarão de notar quão saborosos são os frutos). Cortem alguns frutos de tamanho médio (para que *Benê Yisrael* vejam com seus próprios olhos que seus louvores e elogios não são exagerados).”

Moshê direcionou os espiões num segundo ponto básico. Sabia que *Benê Yisrael* temeriam a guerra contra os poderosos exércitos de *Kenaan*. Portanto, mostrou que mesmo que os canaanitas fossem fisicamente fortes, *Hashem* os subjugaria por causa de sua inferioridade espiritual.

“Descubram,” ordenou Moshê aos espiões, “se o *tsadic Iyov*, que lá reside, ainda está vivo. Se faleceu, os habitantes estão sem méritos espirituais, e certamente os sobrepujaremos. Mesmo que sejamos mais fracos, *Hashem* nos ajudará, pois os canaanitas não têm méritos para protegê-los.”

Moshê ensinou o Nome Divino de Doze Letras aos espiões, como proteção contra os perigos. (Alguns dizem que deu-lhes seu cajado.) Em vinte e nove de *Sivan* os espiões partiram em direção à *Êrets Yisrael*.

### **Os Espiões tornam-se corruptos**

Apesar de serem *tsadikim* no momento de sua indicação, corromperam-se assim que Moshê os enviou. Decidiram imediatamente trazer um relato negativo, como que para deter *Benê Yisrael*.

O que fez com que os espiões se tornassem corruptos?

Disseram uns aos outros: “Somos líderes do povo sob a liderança de Moshê. Assim que entrarmos em *Êrets Yisrael*, Yehoshua se tornará o líder. Então ele indicará um gabinete diferente de ministros. Por isso, detenhamos o povo no deserto, para assegurar que não seremos removidos de nossos altos cargos e posições.” Passaram os próximos quarenta dias planejando como tornar plausível que *Êrets Yisrael* não fosse conquistada.

A narrativa dos espiões serve de exemplo de como o desejo por honrarias corrompe as pessoas.

Similarmente na próxima *Parashá*, *Côrach* rebelou-se porque aspirava por honrarias.

O desejo de uma pessoa por respeito e homenagens, na melhor das hipóteses, impede o serviço a *Hashem*, ou pode corrompê-la totalmente.

Tanto Yehoshua quanto Calev opunham-se ao esquema dos espiões, porém enquanto Yehoshua expressava suas objeções, Calev pensou que seria mais sábio ocultar seus pensamentos.

Os espiões entraram em *Êrets Yisrael* pelo sul, e prosseguiram em direção ao norte. Sua presença certamente teria atraído a atenção dos canaanitas, e teriam sido mortos, se não fosse pela miraculosa proteção de D'us. *Hashem* afligiu os governantes de cada cidade que passavam com uma praga. Os canaanitas, assim, ficaram preocupados em lamentar e enterrar seus mortos, e os estrangeiros passaram despercebidos.

*Hashem* fez com que Iyov morresse no mesmo dia em que os espiões entraram na Terra. A perda de Iyov causou luto geral, distraíndo novamente a atenção da população dos estrangeiros. Todavia, em vez de reconhecerem a Providência do Todo Poderoso, os espiões aproveitaram-se dos eventos para denegrir *Êrets Yisrael*, reportando, mais tarde, ao povo: “É uma terra de epidemias. Onde quer que passássemos, víamos pessoas morrendo aos montes.”

Os espiões entraram nas vizinhanças de Chevron, onde fica a Gruta de Machpelá, mas estavam com medo de irem lá rezar. Era de domínio público o fato de gigantes viverem naquela área.

Apenas Calev ignorou o perigo. Resolveu visitar o local sagrado onde nossos patriarcas estão enterrados, raciocinando: “Como posso evitar envolver-me com a conspiração dos espiões? Yehoshua está protegido pela oração de Moshê, eu, porém, devo implorar a *Hashem* que me ajude.”

Por conseguinte, entrou na gruta para rezar. A *Shechiná* (Presença Divina) entrou junto com ele, para informar aos patriarcas que chegara a hora de seus descendentes conquistarem a Terra.

Calev atirou-se sobre os túmulos dos patriarcas e orou: “Pais do mundo! Imploro por misericórdia, que eu seja salvo dos planos dos espiões!”

O fato de um homem com a força de caráter de Calev achar necessário rezar na gruta prova que a tentação de ver os aspectos negativos da terra era muito forte, mesmo partindo de homens da estatura dos espiões.

Por causa da oração de Moshê, Yehoshua não teve necessidade de unir-se a Calev em Chevron. Sempre que Yehoshua contemplava o nome que Moshê lhe dera, sua fé se fortalecia.

Eles escolheram, contudo, frutas monstruosas, super desenvolvidas, a fim de mais tarde contar ao povo que um país que produz frutas tão estranhas era bizarro, e pessoas comuns não sobreviveriam lá.

Os espiões colheram um galho de videira do qual pendia um cacho de uvas extremamente pesado. Eram necessárias oito pessoas para transportá-lo. O nono espião carregou figos, e o décimo, uma romã. Yehoshua e Calev, percebendo que os espiões utilizariam esses frutos para denegrir *Êrets Yisrael*, não carregaram nada.

(O cacho de uva que eles levaram na volta foi suficiente para fazer vinho para os sacrifícios que seriam ofertados durante os próximos quarenta anos de permanência no deserto.)

Durante os quarenta dias da viagem, os Espiões ensaiaram um discurso que agitaria a comunidade inteira. Geralmente, uma excursão através de *Êrets Yisrael* duraria mais que quarenta dias. Contudo, *Hashem* sabia que os judeus expiariam com um ano no deserto para cada dia que os Espiões ficaram na terra. Por pena de *Benê Yisrael*, Ele condensou a rota dos espiões e, portanto, a subsequente punição dos judeus.

### **A volta dos espiões**

Os espiões voltaram no quadragésimo dia, na noite de nove de Av. Antes de entrarem nas tendas, aproximaram-se da casa de estudos.

Viram Moshê, Aharon, o *Sanhedrin* e o povo estudando as leis de *chalá* (separar um pedaço de massa) e *orlá* (a proibição de ingerir frutos nos primeiros três anos após o plantio de uma árvore).

"Vocês não precisam estudar tais leis, que se aplicam somente em *Êrets Yisrael*," disseram zombeteiramente ao povo. "Jamais conseguirão pô-las em prática."

Os espiões despejaram seu discurso cuidadosamente preparado. Primeiro, elogiaram e louvaram *Êrets Yisrael*. Sabiam que suas perversas afirmações só seriam aceitas se primeiro dissessem a verdade.

"Achamos que *Êrets Yisrael* é uma terra extraordinariamente fértil", principiaram. "A expressão de que dela jorram o leite e o mel é verdadeira. As árvores estão carregadas de tâmaras suculentas, das quais pinga o mel. As cabras têm tanto leite que o excesso flui ao chão. Assim, vimos verdadeiros riachos de leite e mel. Vejam os suculentos frutos que trouxemos. Agora, examinem os frutos de perto. Já viram uvas tão gigantescas? Não são estranhas? Bem, este país abriga habitantes monstruosos, exatamente como produz frutos monstruosos. É impossível conquistá-la, pois seus moradores são fortes, e as cidades fortificadas. Não podemos entrar por lado nenhum sem nos depararmos com temíveis inimigos. No sul vive Amalec..."

À mera menção do nome "Amalec", o povo tremia.

Como alguém intimida uma criança? Aponta para a cinta pendurada na parede. A visão faz surgir na mente da criança a lembrança dos dolorosos castigos que já sofreu.

Similarmente, os espiões mencionaram Amalec primeiro (apesar dos canaanitas e emoritas serem mais fortes que Amalec) pois sabiam quanto temor o nome instilava no povo.

Os espiões continuaram: "Os canaanitas residem a leste e a oeste, e os emoritas e seus parentes, também poderosos guerreiros, nas montanhas ao norte. Assim, todas as fronteiras estão cercadas por poderosas nações."

Até aqui, os espiões não contaram nenhuma mentira abertamente. As cidades canaanitas eram, de fato, muito bem fortificadas, e os habitantes verdadeiramente poderosos. Também era verdade que havia gigantes entre eles. Contudo, a sugestão dos espiões, de que a terra era impossível de conquistar não constituía um relato factual, porém uma opinião pessoal. (Não lhes foi pedido que opinassem se a Terra era ou não vencível. Se quisessem externar seus pontos de vista, deveriam tê-los mencionado a Moshê em particular.)"

Os espiões continuaram: "Éramos pequenos como gafanhotos comparados a estes gigantes. Certa vez sentamos todos em uma casca de romã atirada por um deles. Sentimo-nos como gafanhotos!"

Ao ouvirem a descrição de "exércitos inimigos invencíveis", o povo começou a perder a coragem. Por isso, Yehoshua levantou-se para contradizer as palavras dos espiões.

Os espiões, porém, não deixariam que exprimisse a sua opinião.

"Quieto!" gritaram. "Você não tem o direito de falar! Você tem filhas, mas não filhos. Você não teme que seus filhos sejam recrutados para o exército. Não queremos que nossos filhos sejam mortos!"

Calev percebeu que deveria valer-se de um método diferente. Levantou-se sobre um banco e gritou de maneira provocativa: "Este foi o único ato que Ben-Amram (Moshê) perpetrou para nós?"

Esperando que Calev os apoiasse, os espiões silenciaram a multidão. As vozes aquietaram-se. Todos esperavam ansiosamente pela próxima declaração.

Obtendo atenção geral, Calev concluiu: "Moshê fez muito mais! Ele não partiu o Mar Vermelho para nós? Não nos deu o *man*? Por que estão com medo de conquistarem *Êrets Kenaan* se Moshê assim ordena? Moshê jamais nos iludiu ou induziu em erro. Se ele assim o diz, podemos prevalecer sobre nossos inimigos. Mesmo se a terra estivesse situada nos próprios céus e Moshê nos obrigasse: 'Construam escadas e subam até lá,' deveríamos segui-lo. Nosso sucesso baseia-se em obedecê-lo, pois o que quer que Moshê diga é a vontade de *Hashem*."

Ao ouvirem as palavras de Calev, os espiões apressaram-se em contradizê-lo.

"Não é como você está dizendo," proclamaram. "Não podemos prevalecer sobre essas pessoas, pois são mais fortes que nós."

A fim de impedir o povo de acreditar em Calev, os espiões trataram de caluniar a terra: “É uma terra que devora seus habitantes” – clamaram falsamente. “É cheia de epidemias. Onde quer que passássemos, vimos pessoas morrendo. Como os habitantes são tremendamente fortes, não estavam morrendo de qualquer fraqueza física. Outrossim, o clima prejudicial da terra destrói qualquer um que lá habite.”

Moshê retrucou: “Ouviram o que Calev disse: Yehoshua também concorda com ele! Não dêem ouvidos à maledicência dos outros espiões!”

Mas o povo não queria mudar de idéia. “São dez contra dois!” disseram a Moshê. “Acreditamos nos dez espiões. Além disso, Yehoshua e Calev não negaram que as cidades são fortificadas e que encontraram gigantes!”

Moshê então argumentou: “Tudo o que eu já lhes disse não é invenção minha, mas uma ordem direta de *Hashem*. Se estou prometendo que Ele os levará à terra e destruirá todos seus inimigos, a garantia é do próprio *Hashem*. Aquele que realizou todos esses milagres até agora continuará a operar milagres mesmo depois que vocês entrarem em *Êrets Yisrael*.”

### **Os judeus choram sem motivo**

Os dez espiões viram que os judeus tinham se acalmado com as palavras de Calev e Moshê. Decidiram tentar uma tática diferente para atrair as pessoas a seu modo de pensar. Naquela noite, cada um dos dez homens voltou a sua tenda, fingindo estar doente. Vestiram mortalhas brancas, choraram e lamentaram-se. Suas famílias ficaram alarmadas e perguntaram o que os afligia. “Não podemos esquecer o que vimos na Terra de *Kenaan*”, disseram eles. “Estamos certos de que vamos morrer, é por isso que choramos e nos lamentamos.” As famílias juntaram-se a eles e logo foram seguidas por vizinhos e amigos. Pais diziam aos filhos: “Ai de vocês! Breve nossos inimigos, os emoritas, serão seus governantes!” Em pouco tempo, todos os homens da congregação estavam chorando e soluçando. As mulheres, contudo, não tomaram parte nos lamentos.

Os líderes do *Sanhedrin* (Corte Suprema) reclamaram a Moshê: “Não questionamos a justiça de *Hashem* – se Ele decreta a morte sobre nós, aceitaremos. Mas por que Ele nos mata através das espadas dos idólatras de *Êrets Yisrael*? Preferíamos ter morrido no Egito ou aqui no deserto.”

“Será como desejam,” respondeu *Hashem*. “Vocês morrerão no deserto.”

A noite de lamentação era a noite de Nove de *Av*. Disse o Todo Poderoso: “Vocês choraram sem motivo; portanto Eu lhes providenciarei um: Nove de *Av*, que se tornará uma época de luto nacional. Nesta mesma data, tanto o Primeiro quanto o Segundo *Bet Hamicdash* serão destruídos.”

Naquele Nove de *Av* foi decretado que ambos os Templos seriam deitados por terra e que os judeus seriam exilados, como está escrito (*Tehilim* 106:24-27): “E eles desprezaram a Terra desejada; não acreditaram em Sua palavra. Murmuraram em suas tendas, e não escutaram a voz de *Hashem*. Por isso, Ele jurou fazê-los cair no deserto. E fazer com que seus descendentes caíssem entre as nações, e dispersá-los entre as terras.”

As reclamações continuaram na manhã seguinte. Sempre que havia reclamações podia ser ouvido um grito vindo de um grupo de dissidentes: “Deixem-nos indicar novos líderes e voltar ao Egito!”

A frase: “Voltemos ao Egito” também implicava “ao estilo de vida egípcio”, sem *Torá* e *mitsvot*. Constituiu assim uma rebelião contra o Todo Poderoso.

Quando Moshê, Aharon, Yehoshua e Calev ouviram essas palavras, temeram a punição imediata de *Hashem*, e imploraram misericórdia. Yehoshua e Calev rasgaram suas vestes em angústia. Moshê e Aharon prostraram-se para rezar e expressar seu apelo para que o povo não se rebelasse contra *Hashem*.

Moshê e Aharon estavam perplexos e sem palavras, mas Yehoshua e Calev contradisseram os espiões veementemente. Proclamaram: “A terra que investigamos é muito, muito boa!”

Não exageraram ao descrever *Êrets Yisrael* como extremamente boa.

O rei assírio Sancheriv incumbiu seu general Ravshacay de persuadir os judeus a se renderem. Tentou convencê-los de que se beneficiariam instalando-se num país diferente, em vez de viver num estado de constante insegurança e prontidão para o combate em *Êrets Yisrael*. Prometeu aos judeus: “Eu os levarei a uma terra como a sua, uma terra de grãos e vinho, uma terra de pão e vinhedos, uma terra de olivais e mel, onde viverão e não morrerão...” (*Melachim* II, 18:32). Ravshacay referia-se a um país extremamente fértil na África. Não foi tolice do general prometer a *Benê Yisrael* “uma terra como sua própria terra”? Se alguém convence uma mulher a tornar-se sua esposa, será que diz: “Sou tão rico quanto seu pai; prometo-lhe a mesma carne e vinho a que estava acostumada.” Em vez disso, não deveria oferecer um padrão mais elevado de vida que aquele ao qual estava acostumada? Então por que Ravshacay não prometeu levar os judeus a uma terra melhor que sua pátria?

Contudo, nem sequer Ravshacay poderia alegar que qualquer terra fosse superior a *Êrets Yisrael*. Tal afirmação teria sido ridicularizada como uma mentira óbvia. Do fato de Ravshacay, um inimigo dos judeus que queria falar mal de *Êrets Yisrael* não ousar diminuir a Terra, vemos sua superioridade amplamente reconhecida. Todas as nações do mundo desejavam possuir *Êrets Yisrael*. Nos tempos antigos, um rei que não possuísse um palácio lá não era considerado importante.

Yehoshua e Calev tranqüilizaram o povo: "Se temerem apenas *Hashem*, Ele os ajudará a conquistar a Terra. Realmente emanam dela o leite e o mel, pois seus frutos são gordos como leite, e doces como mel. "Seu temor pela força dos canaanitas é uma rebelião contra *Hashem*. O Todo Poderoso os expulsará na sua frente, exatamente como os tirou do Egito. Se acreditarem n'Ele, terão êxito. "Nós também vimos gigantes mas, diferentemente dos outros espiões, não ficamos com medo. Percebemos que a sentença de morte Celestial estava inscrita em suas faces. "Não percebem que a força física dos canaanitas é irrelevante? A quota de pecados dos canaanitas já está completa, e não possuem mais méritos para protegê-los. O único grande *tsadic* que tinham, *Iyov*, cujo mérito os protegia, faleceu."

Contudo, o povo recusava-se a dar ouvidos a Yehoshua e Calev. Proclamaram: "Vocês não são dignos de confiança. (Você, Yehoshua, deseja entrar em *Êrets Yisrael* porque se tornará líder; e você, Calev, apóia-o porque é seu amigo íntimo.) Nossos outros irmãos, os espiões, defendem nossos interesses melhor que vocês."

Os judeus decidiram ameaçar Yehoshua e Calev atirando pedras neles. Imediatamente a Nuvem de Glória de *Hashem* desceu para protegê-los. *Benê Yisrael* perceberam que agiram errado e desistiram. *Hashem* falou com Moshê bastante irado: "Por quanto tempo ainda este povo continuará a Me provocar? O que quer que Eu planeje é para seu benefício, porém constantemente escolhem reclamar.

- Eu os tirei do Egito, porém reclamaram no Mar Vermelho.
  - Dei-lhes a *Torá* no Monte Sinai, e logo depois fizeram um Bezerro de Ouro.
  - Eu lhes dei o alimento Celestial, o *man*, e reclamaram dele.
  - Fiz com que a nobreza de *Kenaan* percesse enquanto os espiões passavam pela região, para que não os molestassem. Em troca, caluniaram a Terra, dizendo: é uma Terra que devora seus habitantes.
- "Não há mais esperança de imbuir nesta geração a fé e temor por *Hashem* necessários para viver em *Êrets Yisrael*. Deixe-Me destruí-los com uma praga. Para cumprir Minha promessa aos patriarcas, Eu multiplicarei seus descendentes, Moshê, e farei deles uma grande nação!"

*Hashem* prometeu a Moshê que formaria uma grande nação a partir de sua semente e lhe daria a terra prometida, cumprindo a promessa feita aos patriarcas, pois, afinal de contas, Moshê era descendente deles. Mas Moshê disse: "Se uma cadeira que só tem três pernas não pode ficar firme, como pode um banco de uma só perna ter alguma esperança de ficar em pé? Se o mérito de três patriarcas não é suficiente para salvar seus filhos, como o meu mérito apenas os protegerá quando meus filhos pecarem?"

### **Moshê defende *Benê Yisrael***

Moshê, o pastor altruísta, fez o melhor para defender *Benê Yisrael*. Apesar de o povo ter-se rebelado até contra Moshê, dizendo: "Retornemos ao Egito", Moshê, como de costume, apressou-se para suplicar por eles. "Se matares o povo em vez de levá-los à terra," argumentou com o Todo Poderoso, "as nações gentias, não sabendo que Tu estás punindo os judeus por seus pecados, proclamarão: 'Por que o Todo Poderoso aniquila um povo que Ele ama e em cujo meio Ele habita? Deve ser porque Ele não tem poder para lhes dar *Êrets Kenaan*.'" "Filho de Amram," replicou *Hashem*, "acaso as nações não conhecem Minha força, não ouviram sobre os grandes milagres que Eu realizei no Mar Vermelho?" Moshê retorquiu: "Elas dirão: 'Apesar de Ele derrotar um rei, o faraó, não é capaz de conquistar os trinta e um reis de *Êrets Kenaan*. Por conseguinte, assassinou Seu povo no deserto.' E agora, *Hashem*, que Sua Misericórdia prevaleça sobre Sua ira. Cumpra Suas palavras, que Você é paciente e tolerante mesmo com os iníquos. Não atente para o que eu disse antes."

A que conversa anterior referia-se Moshê?

Ao ascender ao Céu para receber as *luchot* (Tábuas da Lei), encontrou *Hashem* escrevendo as palavras: "*Hashem* é paciente e tolerante."

Perguntou: "Esta frase quer dizer que Você é indulgente quando um *tsadic* peca?"

"Não apenas com *tsadikim*," respondeu *Hashem*. "Refere-se também a *resha'im*, (perversos)."

"Por que és paciente com os iníquos?" questionou Moshê. "Deixe-os perecerem."

"Chegará o dia," redargüiu *Hashem*, "em que ficarás feliz com este Atributo da Misericórdia, e recorrerás a ele."

Quando os judeus pecaram, no incidente dos espiões, foram classificados como *resha'im*, porque pecaram repetidamente. Por isso, Moshê apelou a *Hashem* para ser tolerante com eles.

“Não disseste que devo ser paciente apenas com os *tsadikim*?” perguntou *Hashem* a Moshê.

“E Tu não me garantiste que és paciente também com os *resha'im*?” lembrou-Lhe Moshê.

Moshê disse a *Hashem*: “Tua verdadeira força é revelada ao mundo quando exerces a paciência (pois o verdadeiro poderoso é aquele que consegue controlar-se).

“Mesmo que *Benê Yisrael* tenham causado Tua ira testando-O agora pela décima vez, lembra-Te de que Avraham, na décima Prova com a qual o testaste, conquistou Tua compaixão por seu filho Yitschac e estava disposto a sacrificá-lo. Em troca, deixa que agora Tua Misericórdia vença Tua ira. Então ficará claro que Tu és poderoso.”

Moshê apelou ao atributo Divino da Misericórdia. *Hashem* lhe prometera que Ele sempre responderia favoravelmente a esses atributos. Há treze atributos da Misericórdia Divina, mas Moshê apelou apenas a seis, naquele momento. Sentiu que os judeus não fizeram *teshuvá* por sua rebelião contra *Hashem*. Por isso, não ousou pedir perdão completo, mas apenas por *Arichut Af*, adiamento da punição, para impedir a destruição completa e imediata.

“*Hashem*,” exclamou, “que é tolerante e abundante em Misericórdia; que perdoa iniquidade e transgressão, que perdoa aqueles que voltam a Ele e pune os que não o fazem, mas, em vez de destruí-los, distribui o pecado dos pais para três ou quatro gerações de seus descendentes – não decreta a morte sobre *Benê Yisrael!*”

*Hashem* replicou: “Apesar de não perdoar o povo judeu completamente, Eu os perdorei, conforme suas palavras: *Salachti kidvarecha*. Em vez de aniquilá-los imediatamente, Eu punirei esta geração com a eventual morte no deserto, e distribuirei o resto da punição sobre as próximas gerações.”

### **A punição da Geração do Deserto**

“Esta geração,” jurou Ele, “que viu Meus milagres no Egito e no deserto, e não obstante testou-Me dez vezes, não entrará na Terra.

“Diga ao povo que Eu juro que cumprirei seu pedido. Pediram para morrer no deserto, e morrerão. Todos os homens com idade entre vinte e sessenta anos – aqueles que podem ser recrutados para o exército mas recusaram-se a enfrentar os canaanitas em combate – morrerão aos sessenta anos, tendo cavado suas próprias sepulturas.

“Seus filhos carregarão o resto da punição vagando pelo deserto por quarenta anos, até que todos os homens da geração que deixou o Egito atinjam a idade de sessenta anos e pereçam.”

De que maneira as palavras de *Hashem* se realizaram?

Não houve nenhuma morte durante a permanência de quarenta anos no deserto. Todo ano porém, na noite em que os judeus tinham pecado, chorando sem um bom motivo, quinze mil judeus morriam.

Assim, ficava perfeitamente claro que todos que morriam em *Tish'á Beav* – e ninguém morria em qualquer outra data – estavam sendo punidos pelos seus erros.

Na véspera de Nove de *Av*, àqueles que completavam sessenta anos, Moshê proclamava: “Vão, cavem suas sepulturas!”

Cada judeu cavava sua própria sepultura, e lá descansava na noite de *Tish'á Beav* (9 de *Av*). Os que sobreviviam não podiam deixar seus túmulos de manhã até que Moshê proclamasse: “Todos os que estão vivos, levantem-se!”

Os membros daquela geração, que ouviram a voz de *Hashem* no Monte Sinai, pareciam-se com anjos, apesar de seus pecados. Na morte, seus corpos não se decomuseram.

Na véspera de *Tish'á Beav* do quadragésimo ano no deserto, ocorreu algo maravilhoso. Como de costume, os homens cavaram sua própria sepultura, porém na manhã seguinte descobriram que ninguém morreria. Não obstante, não ousaram acreditar que a mortandade findara, uma vez que muitos homens que tinham vinte anos à época do decreto de morte ainda estavam vivos. Por isso, o povo pensou que havia calculado o início do mês incorretamente. Voluntariamente voltaram a seus túmulos pelas seis noites seguintes.

Ao verem a lua cheia aparecer em quinze de *Av*, tiveram certeza de que era o meio do mês. Perceberam então que o severo decreto fora abolido.

Celebraram o dia quinze de *Av* como *Yom Tov*, com regozijo. Esta é uma das razões pelas quais celebramos anualmente esta data como um dia de alegria.

Na verdade, os quarenta anos de perambulação no deserto beneficiaram os que entraram na Terra. Quando os canaanitas ouviram que *Benê Yisrael* estavam a caminho da Terra, derrubaram suas árvores e queimaram as

casas, para que os que estavam entrando encontrassem um país devastado e deserto. *Hashem* deteve os judeus no deserto até que os canaanitas tivessem novamente cultivado o solo e reconstruído suas casas. Mais ainda, *Hashem* disse: "Se Eu trouxer o povo a *Êrets Yisrael* imediatamente, cada um correria para seu campo e seu vinhedo e devotaria todas as energias para cultivá-los. Segregarei *Benê Yisrael* no deserto por um período de quarenta anos, durante o qual estudarão *Torá* enquanto comem o *man*. Então, entrarão em *Êrets Yisrael* purificados."

O decreto de morte não incluía os seguintes grupos:

- Yehoshua e Calev.
- As mulheres da geração do deserto. Elas não participaram dos pecados do povo, porém foram sempre leais a *Hashem* e a Moshê.
- As crianças com menos de vinte anos
- Os homens com idade acima de sessenta anos.
- Os membros da Tribo de Levi, uma vez que não participaram no pecado do bezerro de ouro, no dos espíões, e em outros incidentes rebeldes.

Todos esses grupos entraram em *Êrets Yisrael*.

### **A punição dos espíões e a recompensa de Calêv e Yehoshua**

Os dez espíões que caluniaram a terra morreram pouco tempo depois. Tiveram uma morte terrível. Por terem pecado com a língua, *Hashem* alongou as línguas deles até chegarem ao ventre. Vermes rastejaram para fora de suas línguas, penetraram nos intestinos, e lhes causaram a morte.

Por que os espíões mereceram uma punição tão terrível?

1. As pessoas deveriam aprender com a própria experiência; mas nem sempre o fazem. *Hashem* disse: "Os espíões não podem usar a desculpa de que não perceberam a seriedade de *lashon hará* (maledicência). Todos sabiam da punição de Miriam por ter falado sobre seu irmão Moshê. Mesmo assim, recusaram-se a aprender a lição. Falaram *lashon hará* sobre Mim e *Êrets Yisrael*."
2. Como foram punidos através de suas línguas, *Benê Yisrael* puderam observar seu castigo e aprenderam uma lição importante: se os espíões tiveram uma morte terrível por falar mal de uma terra, quanto mais deve-se ter cuidado para não falar mal de um ser humano.
3. Não foi concedido aos espíões a oportunidade de fazer *teshuvá*, pois incitaram o povo a pecar. Alguém que faz com que outros pequem é considerado mais culpado que aquele que simplesmente peca sozinho.

Quando a tribo de Yehudá recebeu seu território, sob a liderança de Yehoshua, Calev recebeu o território nas cercanias de Chevron, por ordem Divina, como recompensa.

Yehoshua recebeu as porções do Mundo Vindouro que tinham sido reservadas aos espíões. A letra *Yud* (cujo valor numérico é dez) foi acrescida a seu nome original, Hoshea, indicando que mereceu a recompensa espiritual dos dez espíões.

Por que *Hashem* deu a Yehoshua recompensa maior que a Calev?

A magnitude da recompensa é proporcional à severidade da tentação. Calev descendia de Yehudá, que tinha controle sobre sua língua. Era, portanto, naturalmente inclinado a resistir ao *lashon hará*, sem ter de esforçar-se muito. (Não obstante, rezou por ajuda do Céu nos túmulos dos patriarcas, pois estava em má companhia, o que pode ser perigoso mesmo para um *tsadic*.)

Yehoshua, por outro lado, era descendente de Yossef, que falou mal de seus irmãos a seu pai. Por isso, herdou uma fraqueza inerente no que tange a este pecado. Como lutou contra a tentação, sua recompensa foi proporcionalmente grande.

Quando os homens da geração ouviram o juramento do Todo Poderoso de que deveriam morrer no deserto, e ao testemunharem a morte dos espíões, lamentaram-se muito de seu pecado.

### **Uma visão chassídica sobre a falha dos espíões**

O *Rebe* explica porque homens notáveis como os espíões não quiseram entrar na Terra Santa:

Enquanto *Benê Yisrael* habitavam no deserto, estavam envolvidos apenas com assuntos espirituais como o estudo de *Torá*. Todas suas necessidades físicas: alimento, bebida e roupas eram providos milagrosamente por *Hashem*. Os espíões não queriam ter envolvimento mundanos que seriam essenciais ao entrarem em *Êrets Kenaan*. Estes líderes perceberam que os judeus teriam que trabalhar a terra, envolver-se em atividades comerciais e afins. Com certeza, estas atividades seriam guiadas pela *Torá*: o povo não praticaria o roubo, a calúnia e a maledicência, não se intrometeria nos assuntos do próximo, etc. Também cumpririam os preceitos de *maasser* (dízimo), *Shemitá* (o ano sabático), *terumá* (a cota dos *cohanim*), etc. Todavia, o tempo deixado para o estudo e a prece não seria muito.

A alegação dos espíões era: Por que deveríamos mudar o tipo de trabalho espiritual no deserto pelo trabalho na terra de Israel? Lá na Terra Santa lidaremos com os frutos da terra – não com o *man* dos Céus; lá teremos que



lidar com os canaanitas, diferente do deserto onde somos uma nação reclusa. Os espiões concluíram que a Terra Santa se tornaria um “país que devora seus habitantes” – que consumiria e devoraria a sua espiritualidade e santidade.

Os espiões estavam errados! “A terra é extremamente, extremamente boa.” Embora o trabalho em *Êrets Yisrael* se concentrasse em assuntos simples, isso é o desejo de D'us – que mesmo as coisas mundanas da vida tivessem um cunho de Judaísmo, de terem sido realizadas por um judeu da maneira adequada, ordenada Divinamente. Isso é mais caro ao Todo Poderoso que o elevado estudo de *Torá* no deserto.

Encontramos-nos hoje em um difícil *Galut* (exílio). É impossível estudar *Torá* oito horas por dia; tudo o que podemos fazer é participar de *shiurim* (aulas de *Torá*) comunitárias – muitas das quais não são profundas, mas tratam de leis simples ou histórias de nossos sábios, etc.

Não devemos desanimar. “A terra é extremamente, extremamente boa.” Se superarmos o desânimo e as dificuldades, e nos conduzirmos de maneira judaica mesmo nos assuntos mais simples e corriqueiros da vida, cumprimos a suprema vontade de D'us tão eficazmente quanto através do profundo estudo da *Torá* “no deserto”. E se o fizermos com alegria, será ainda mais precioso aos olhos de D'us.

### **Um grupo de judeus sai para lutar sem permissão**

Finalmente, *Benê Yisrael* entenderam que haviam pecado. Deveriam ter discordado dos espiões e continuado a confiar em *Hashem*.

Alguns disseram: “Pecamos por não ter confiança em *Hashem*. Deixe-nos fazer *teshuvá* agindo de maneira diferente. Subiremos à montanha na fronteira de *Êrets Yisrael* e atacaremos as nações que lá habitam!”

“Não devem fazer isto!” protestou Moshê. “*Hashem* já decidiu que os homens desta geração morrerão no deserto e não conquistarão *Êrets Yisrael*. Por isso, *Hashem* não estará com vocês na batalha. Vocês serão mortos pelos inimigos!”

Mas não deram ouvidos a Moshê. “Subiremos à montanha e começaremos a lutar agora!” insistiram os judeus. “Isto mostrará como estamos arrependidos por termos dito que seria melhor retornar ao Egito.”

Naturalmente, estavam errados. Poderiam ir à guerra apenas com a permissão de *Hashem*.

Assim que chegaram à montanha, os amalequitas e os canaanitas que lá viviam desceram marchando. Atacaram os judeus e começaram a matá-los.

Mas *Hashem* realizou um milagre: qualquer soldado inimigo que matasse um judeu morria imediatamente, como uma abelha morre após ferroar uma pessoa.

### **As leis de *minchá*, oferta de farinha, e *nessachim*, vinho vertido**

Após o incidente dos espiões e a punição infligida à geração, prevalecia um espírito de depressão e pesar.

O povo reclamou: “Talvez nossos filhos cometam algum outro pecado, e também não entrem em *Êrets Yisrael*. Nosso povo jamais chegará à Terra.”

*Hashem* ordenou a Moshê: “Vá e anime os judeus desanimados!”

“Mestre do Universo,” perguntou Moshê, “como os consolarei?”

“Ensinando-lhes *Torá*,” retrucou o Todo Poderoso. “Instrua-os na *mitsvá* de *nessachim* (libações) e a *mitsvá* de separar a *chalá* da massa. Essas *mitsvot* aplicam-se principalmente em *Êrets Yisrael*. Assim, os judeus ficarão inspirados com a confiança de que seus filhos chegarão definitivamente a *Êrets Yisrael*.”

Moshê então, ensinou a *Benê Yisrael* que os sacrifícios individuais de *olá* e *shelamim*, e os sacrifícios comunitários de *shelamim* trazidos com o *Shetê Halechem* (Dois Pães) em *Shavuot*, devem ser acompanhados por *minchat nessachim* (oferenda de farinha) e *nessech* (libação).

- *Minchat Nessachim* – a oferenda de farinha que acompanha os sacrifícios acima mencionados. Esta oferenda consiste em farinha, óleo e sal. Era completamente queimada sobre o altar. As quantidades de farinha e óleo variavam de acordo com o tipo de sacrifício que estava acompanhando.

- *Nessech* – a oferenda vertida: Uma medida de vinho, variando de acordo com o tipo de sacrifício animal oferecido, era trazida com cada *olá* e *shelamim*. Era vertido nos orifícios de drenagem na base do altar. No caso de uma oferenda comunitária, os *leviyim* cantavam enquanto o vinho era vertido.

### ***Hafrashat Chalá* – a lei de separar uma porção da massa**

Enquanto estavam no deserto, *Benê Yisrael* não separavam uma porção de massa. A *mitsvá* só se tornou obrigatória após terem entrado em *Êrets Yisrael*.

Daquele momento em diante, sempre que alguém fazia uma quantidade específica (um *omer*) de massa de uma das cinco espécies de cereais (trigo, cevada, aveia, espelta ou centeio) precisava separar uma parte da massa, chamada de *chalá*. A *chalá* era sagrada e dada ao *cohen*.

A *mitsvá* de separar *chalá* realmente só se aplica em *Êrets Yisrael* numa época em que a maioria do povo judeu habita lá. Contudo, nossos sábios comandaram que a *chalá* seja separada também fora de *Êrets Yisrael*, e

mesmo em nossa época, para que essas leis não sejam esquecidas. Hoje em dia queimamos a *chalá* e não a damos aos *cohanim*, porque os *cohanim* encontram-se impuros.

Esta *mitsvá* foi ordenada especificamente à mulher. Assim ela retifica o pecado da primeira mulher, Chava. Para criar o primeiro homem, *Hashem* juntou um pouco de terra de cada parte do mundo, e recolheu água de todos os oceanos, formando uma argila. A partir desta "massa" Ele formou Adam. Por isso, nossos sábios denominaram Adam "a *chalá* do mundo". Quando Chava ofereceu-lhe o fruto proibido, fez com que Adam perdesse sua pureza original.

A *mitsvá* de separar *chalá* tem o potencial de trazer de volta a pureza de espírito perdida através do pecado de Adam. Assim, ao cumprir esta *mitsvá*, a mulher corrige a falha de Chava.

### **Uma bênção no lar**

É significativo que a *mitsvá* de separar *chalá* da massa tenha sido outorgada à mulher judia. Como esteio do lar, *akeret habáyit*, a mulher não apenas prepara o sustento físico para a família; mas cumprindo esta *mitsvá*, ela também confere uma mensagem espiritual ao alimento.

A *mitsvá* de *hafrashat chalá* incorpora a crença de que todo nosso sustento realmente chega até nós através das mãos de *Hashem*. Do mesmo modo que não podemos ingerir o pão a não ser que tenhamos separado *chalá*, assim também uma porção de nosso sustento é sempre reservada para *tsedacá*, que é dada livremente – "do bom e do melhor".

Nossos sábios dizem a respeito da *mitsvá* de *hafrashat chalá*: "Fará com que a bênção paire sobre sua casa." A mulher, tão influente na formação dos valores e atitudes dos membros da família, traz bênçãos sobre seu lar e família através desta *mitsvá*, e instila fé em *Hashem* nos que a rodeiam.

A *mitsvá* de separar *chalá* simboliza toda a prática da *cashrut*, enfatizando a elevação do físico e mundano a reinos de santidade.

As mulheres judias tradicionalmente assam suas próprias *chalot*, como parte da preparação para *Shabat* e *Yom Tov*, apreciando e valorizando a oportunidade de cumprir esta *mitsvá*. Esta *mitsvá* é especialmente significativa na véspera de *Shabat*. Antes de separar *chalá*, muitas mulheres colocam algumas moedas numa caixinha de *tsedacá* destinada aos necessitados, especialmente os estudantes de *Torá* em Israel.

Separar a porção de *chalá* é fácil, porém requer uma compreensão das medidas e outros critérios envolvidos. Nem todas as massas precisam da separação de *chalá*. Os parágrafos seguintes fornecem um guia dos requisitos para a separação de *chalá*.

### **Requisitos da farinha e líquidos para a separação de *chalá***

Há três possibilidades no que tange à separação da *chalá*: separar *chalá* com a *berachá*; separar *chalá* sem *berachá* ou não separar de modo algum. *Chalá* deve ou não ser separada, dependendo do tipo e quantidade de farinha e líquidos que a massa contém.

**Tipo de farinha:** Separa-se *chalá* quando a massa é feita de um ou da combinação dos seguintes cinco grãos: trigo, centeio, cevada, aveia e espelta. Outros tipos de farinha como a de arroz, soja, milho e trigo-sarraceno, quando utilizados sem "os cinco cereais" não necessitam de separação de *chalá*. Se utilizados junto com farinha de um dos cinco grãos, consulte um rabino ortodoxo referente a *hafrashat chalá*.

A quantidade de farinha também determina a necessidade ou não de separação de *chalá*; e em caso positivo, se uma *berachá* é recitada.

**Conteúdo líquido:** Para separar *chalá* com bênção, a maior parte do conteúdo líquido da massa deve ser água, contanto que os requerimentos da farinha também estejam dentro dos parâmetros. Se a maior parte do líquido contido na massa não for água (como óleo, ovos, mel, suco, etc.) separa-se *chalá* sem bênção.

Para separar *chalá*, mesmo sem a bênção, mistura-se pelo menos um pouco de água na massa, antes da farinha e líquidos serem misturados juntos. Se a receita não pede água, pinga-se algumas gotas de água.

**Quantidade de farinha:** A quantidade de farinha utilizada determina se *chalá* será separada com ou sem *berachá*, ou se nem será separada. Isto depende do peso da farinha. Abaixo veremos as medidas:

### **Requisitos da farinha em gramas:**

- **Não se separa *chalá*** ao se utilizar farinha em quantidade inferior a 1230 gramas.
- **Separa-se *chalá* sem *berachá*** ao se utilizar quantidade de farinha pesando entre 1230 e 1666.6 gramas.
- **Separa-se *chalá* com *berachá*** ao utilizar uma quantidade de farinha maior que 1666.6 gramas.

### **Como proceder**

Separa-se *chalá* depois que a farinha e os líquidos estão bem misturados juntos formando uma massa homogênea; enquanto esta ainda está inteira, antes de ser dividida e de se formarem os pães. Antes de separar o pedaço da massa, recita-se a seguinte bênção:

**Baruch Atá A-do-nai, E-lo-hê-nu Mêlech haolam, asher kideshánu bemitsvotav, vetsivánu lehafrish chalá. / Bendito és Tu, A-do-nai, nosso D'us, Rei do Universo, que nos santificou com Seus Mandamentos e nos ordenou separar parte da massa.**

Remove-se então um pequeno pedaço de aproximadamente 28,8g da massa. Imediatamente após separar *chalá*, com recitação ou não da *berachá*; diz-se: "Harê zu chalá" (Isto é *chalá*).

Atualmente, já que não podemos dar a massa aos *cohanim* nem utilizá-la nós mesmos, o costume difundido é queimar este pedaço em separado (por exemplo, envolto em papel alumínio), sobre o queimador do fogão.

Apesar de a separação de *chalá* ser uma das três *mitsvot* especiais da mulher, qualquer pessoa acima da idade de *bar* ou *bat mitsvá* pode cumprir a *mitsvá*, se necessário.

### **Separando *chalá* depois de assar a massa**

Há casos em que *chalá* é separada depois de se assar a massa:

- Se a massa for líquida e não se pode separar *chalá* antes de assá-la, como a receita de diversos bolos.
- Se alguém se esqueceu de separar *chalá* antes de assar.

Separa-se *chalá* colocando-se todos os pães ou bolos já assados numa caixa ou recipiente, e cobre-se todos com um pano. Tira-se então um pedaço de cada tipo dos pães ou bolos, e, quando exigido, recita-se a *berachá*.

Deve-se realizar este procedimento antes de se utilizar ou ingerir os produtos assados.

### **Massa que não é utilizada para pães**

Separação de *chalá* ao assar bolos, biscoitos, e confeitaria em geral: Ao se assar grandes quantidades de massa que não sejam para pão ou *chalá*, aplicam-se as leis de separação de *chalá*.

Os tipos e quantidades de farinha e líquidos são os mesmos que os acima relacionados para pães.

Como a água consiste na menor parte dos líquidos na maioria das receitas de bolo, mesmo se uma receita pedir mais de 1666.6 gramas de farinha, separa-se *chalá* sem *berachá*.

Separação de *chalá* em massas cozidas ou fritas: Se alguém sova uma massa com a intenção de cozinhá-la ou fritá-la (por exemplo, para macarrão ou sonhos), deve-se separar *chalá* sem *berachá*.

### **Benê Yisrael encontram um homem que fez um trabalho proibido no *Shabat***

Moshê ensinou a *Benê Yisrael* as *mitsvot* de guardar o *Shabat* assim que começaram a travessia do deserto, mesmo antes de receberem a *Torá*.

Subitamente, um povo inteiro ouviu que durante vinte e quatro horas a cada semana estavam proibidos de cozinhar, assar, escrever, apagar, construir, demolir edifícios, e todas as outras *melachot* (trabalhos) que não são permitidos no *Shabat*.

Moshê estava preocupado de que alguns judeus cometessem erros ou se esquecessem, fazendo uma *melachá* proibida. Por isto, antes que chegasse o primeiro *Shabat*, ele designou indivíduos cuja função era patrulhar o acampamento durante o *Shabat*, assegurando-se que nenhum judeu realizaria uma *melachá* proibida.

No primeiro *Shabat*, os responsáveis ficaram satisfeitos. Todo o povo cumpriu conscienciosamente as leis do *Shabat*. Mas no segundo *Shabat*, tiveram uma visão chocante: um judeu apanhava gravetos num campo.

No *Shabat*, é proibido juntar plantas (e cortar madeira e carregar em público). É a *melachá* de *hameamer*.

"Pare!" gritaram os guardas. "É *Shabat*! Aquele que profana o *Shabat* é condenado à morte!" Mas o homem replicou: "Não me importo," e continuou a juntar os gravetos. Quando os guardas viram que o homem estava transgredindo o *Shabat* de propósito, prenderam-no e o levaram perante Moshê.

"Ele é um *mechalel Shabat* (profanador intencional do *Shabat*)," disseram a Moshê.

Moshê disse: "Este judeu deve ser punido com a morte."

Entretanto, não estava seguro sobre qual o tipo de sentença de morte o *Bet Din* (tribunal) deveria pronunciar. "Coloque o homem na prisão até que eu pergunte a *Hashem*," ordenou ele.

Moshê perguntou a *Hashem*: "Que tipo de morte merece alguém que intencionalmente profanou o *Shabat*?"

*Hashem* respondeu: "É punido com o apedrejamento (*sekilá*)."

O homem foi então punido devidamente.

Esta punição impressionou todos os judeus que a testemunharam. Perceberam como é grande a santidade do *Shabat*. A partir de então, fariam tudo para cumprir todas as leis de *Shabat*!

Conforme uma opinião de nossos Sábios, este homem era um *tsadic* de nome Tselofchad. Ele cometeu o pecado *leshêm shamáyim* (com uma intenção positiva). Pensou: "Os homens desta geração ouviram de *Hashem* que morrerão no deserto. Agora poderiam pensar: "Como as *mitsvot* foram outorgadas principalmente

para serem cumpridas em *Êrets Yisrael* e não chegaremos lá, não precisamos levá-las tão a sério.” Por isto, Tselofchad decidiu mostrar a todos o castigo de alguém que profana uma das *mitsvot*.

### **A mitsvá de atar *tsitsit* (franjas) às vestimentas com quatro cantos**

A *Parashá* termina com a obrigação de lembrar todos os mandamentos; pois é um equívoco pensar que o Judaísmo pode assentar-se apenas sobre a fundação de mandamentos tão primários quanto acreditar em D'us e observar o *Shabat*, embora sejam vitais.

O *mitsvá* de *tsitsit* é um veículo que possibilita ao judeu lembrar-se de todos os preceitos da *Torá*.

A passagem abaixo faz parte da leitura do *Shemá*. A *Torá* nos ordena a lembrar do Êxodo do Egito todos os dias (*Devarim* 16:3). Os sábios instituíram que esta *mitsvá* deve ser cumprida durante as preces diárias, através da recitação de versículos da *Torá*. Escolheram, portanto, esta passagem para ser agregada ao *Shemá* pois, além da menção do Êxodo, contém diversos outros conceitos básicos.

Quando um judeu coloca *tsitsit*, considera-se como se tivesse cumprido todas as *mitsvot* da *Torá*. Aquele que cumpre a *mitsvá* do *Shabat*, também, é como se tivesse cumprido todas as *mitsvot* da *Torá*. Por esta razão, a *Torá* traz a história do homem que profanou o *Shabat* e a *mitsvá* de *tsitsit* próximas uma da outra.

**VAYOMER HASHEM EL MOSHÊ LEMOR** / E falou Hashem a Moisés, dizendo:

**DABER EL BENÊ YISRAEL VEAMARTÁ ALEHÊM, VEASSU LAHÊM TSITSIT AL CANFÊ VIGDEHÊM LEDOROTAM** / Fala aos filhos de Yisrael e dize-lhes que façam para si franjas nos cantos de suas vestimentas, por todas as suas gerações.

O que significa a palavra *tsitsit*?

1. *Tsitsit* são “franjas”. Referem-se aos fios que devem ser feitos com o propósito explícito da *mitsvá* (*lishmá*), tecidas segundo as especificações da *Halachá*, e atadas às vestimentas de quatro cantos.

(Uma grande porcentagem dos *talitot* vendidos no mercado são halachicamente inválidos, pois as franjas não são feitas exclusivamente com o propósito da *mitsvá*. Se alguém não puder adquirir seus *tsitsiyot* diretamente da pessoa que as fez, deve pelo menos adquiri-los de um vendedor consciente e temente a D'us, que possui em primeira mão a informação de que foram feitos estritamente de acordo com a *Halachá*.)

2. A palavra *tsitsit* não se refere apenas às franjas em si, mas ao que estas franjas evocam naqueles que as vestem. A palavra “*hetsits*” (relacionada a ‘*tsitsit*’) quer dizer olhar, observar algo intencionalmente. O *tsitsit* exorta aquele que o usa a olhar atentamente para as franjas a fim de se lembrar de todos os mandamentos.

Qual a importância dos cantos?

Os cantos das roupas são acessíveis e visíveis, o que é essencial no contexto deste mandamento, uma vez que as franjas devem ser vistas a fim de servirem como lembretes.

Só se é obrigado a atar *tsitsit* às roupas se vestir uma roupa de quatro cantos, assim como alguém só é obrigado a cumprir a *mitsvá* de cercar seu telhado se sua casa tiver um telhado.

Não obstante, a *mitsvá* é tão grande que nossos sábios ensinaram que um judeu deve vestir um traje de quatro cantos com *tsitsit* diariamente, a fim de cumpri-la. Ele também deve educar seus filhos a cumprirem a *mitsvá* de *tsitsit*.

Usar *tsitsit* confere santidade ao judeu. Hashem ordenou: “Envolvam-se em vestimentas parecidas com as dos anjos.” Os *tsitsiyot* são atados às quatro asas dos anjos chamados de *Chayot*. As palavras *canfê* e *canaf* (que significam cantos e também asas) aludem às asas dos anjos.

Por que a *Torá* diz: “Por todas as suas gerações”?

Quando alguém é sincero e utiliza até mesmo suas vestimentas como meio de conseguir devoção a D'us, pode imbuir seus filhos e as gerações posteriores com a mesma dedicação.

As pessoas nunca devem subestimar o efeito que suas ações pode ter sobre outros, especialmente sobre os que lhe são próximos, e conseguem perceber se seus atos são ou não motivados pela dedicação genuína.

**VENATENU AL TSITSIT HACANAF, PETIL TECHÊLET** / E nas franjas de cada canto prenderão um cordão azul-celeste.

Um dos oito fios deve ser de lã pura e tingido de azul (*techêlet*), com a tinta obtida do sangue da criatura marinha de nome *chilazon*. Este fio não pode ser tingido com tinta azul obtida de qualquer outra fonte. O fio azul do *tsitsit* sugere o Trono de Glória Celestial Superior.

Os fios brancos e o azul devem se mesclar de maneira a formarem uma única franja, pois a combinação dos dois elementos constitui uma única *mitsvá*.

Conforme legisla o Maimônides, se o fio azul não é acessível, sua ausência não impede a realização da *mitsvá*, com todos os fios brancos.

A identidade exata da criatura que é a fonte desta tinta azul não é conhecida hoje, de modo que o *techêlet* é atualmente impraticável. Nossos *tsitsiyot*, portanto, são compostos apenas de fios brancos. Não obstante, são *cashet*. A cor branca é símbolo de perdão do pecado.

**VEHAYÁ LACHÊM LETSITSIT, UR'ITÊM OTÔ, UZCHARTÊM ET COL MITSVOT HASHEM, VAASSITÊM OTAM** / E serão para vós por *tsitsit*, e o olhareis e recordareis de todos os preceitos de *Hashem*, e os cumprireis.

O Todo Poderoso nos presenteou com uma *mitsvá* que tem o propósito de nos lembrar de todas as Suas outras *mitsvot*: é a *mitsvá* de *tsitsit*. O objetivo das franjas é que o judeu deve olhar para elas, lembrar-se de *Hashem* e desistir de pecar.

Como os *tsitsiyot* ajudam o judeu a lembrar-se de suas obrigações com o Todo Poderoso?

1. As franjas são como uma insígnia real, lembrando seus portadores de que estão sempre a serviço do Rei. Quando um judeu caminha usando *tsitsit*, os anjos proclamam: "Honra seja dada ao filho do Rei!"

2. Um não-judeu perguntou a Rabi Binyamin: "Que costume tolo vocês judeus observam! Por que penduram fios tecidos com nós nos cantos de suas roupas?"

"Eu explicarei de uma maneira simples," replicou Rabi Binyamin. "Nosso mestre Moshê queixou-se ao Altíssimo que um homem profanou o *Shabat* porque naquele dia não estava usando o *tefilin*, que lembra o judeu de seu laço entre *Hashem* e o povo judeu. (Naquela época, os judeus usavam os *tefilin* o dia inteiro, exceto no *Shabat*, quando não deviam usá-los.) *Hashem* disse então a Moshê: Eu te darei uma *mitsvá* que se aplica até em *Shabat* e *Yom Tov*. Ordena que cada judeu ate *tsitsit*, fios tecidos e com nós, às suas roupas, para se lembrarem das *mitsvot*.

"Pois saiba que estamos agindo como as pessoas que dão nós nos lenços para lembrá-los de certas coisas."

3. Cada detalhe da *mitsvá* foi projetado para lembrar-nos de que, como servos do Todo Poderoso, somos obrigados a cumprir Seus mandamentos.

- Os *tsitsiyot* são atados a um canto em cada uma das quatro direções para nos lembrar de nossa obrigação, aonde quer que nos voltemos.

- O valor numérico da palavra *tsitsit* é 600. Se acrescentarmos a esse número os 8 fios e 5 nós (em cada canto), teremos o total de 613, um lembrete das *mitsvot*.

Além disso, cada canto tem cinco nós para lembrar-nos dos Cinco Livros da *Torá*. Os oito fios em cada canto lembram que o judeu deve cuidar de oito órgãos que levam ao pecado: olhos, boca, ouvidos, narinas, mãos, pés, órgãos reprodutivos e o coração, ou emoções.

4. O versículo acima diz que o *tsitsit* fica nas roupas para que se possa vê-lo ("*ur'itêm otô*") e assim lembrar-se dos mandamentos.

Os sábios interpretam esta frase "para que possa vê-Lo", referindo-se não ao *tsitsit*, mas a D'us, pois cumprindo este mandamento com as intenções apropriadas, a pessoa pode ver e perceber que D'us dirige o mundo. Assim, de fato, a pessoa O vê e se lembra da obrigação de ser leal a Ele.

**VELÔ TATÚRU ACHARÊ LEVAVCHÊM VEACHARÊ ENECHÊM, ASHER ATÊM ZONIM ACHAREHÊM** / E não seguireis atrás de vossos corações e de vossos olhos, através dos quais vos desviareis.

O coração e os olhos são como espiões do corpo, em busca de pecados ansiados por sua natureza animal. O coração deseja, os olhos procuram, e o corpo peca.

A *mitsvá* de não ir atrás de "nossos corações" nos proíbe de ter pensamentos de *apicorsut* (heresia), e não ir atrás de "nossos olhos", de ter pensamentos de imoralidade.

Esta *mitsvá* se aplica em todas as épocas, tanto a homens quanto a mulheres. Somos ordenados a manter nossas mentes sempre livres de conceitos proibidos.

Qual o significado do termo "*apicorsut*"?

Este termo refere-se não apenas à negação da existência de D'us, ou do caráter Divino da *Torá*, mas também inclui qualquer idéia que contradiga um princípio fundamental da *Torá*. Por exemplo, é *apicorsut* pensar que o Todo Poderoso não supervisiona constantemente o universo, ou que Ele não recompensa Seus seguidores e pune os perversos.

Somos convocados a evitar qualquer pensamento que possa nos iludir a desenraizar um fundamento da *Torá*. A inteligência humana é limitada, e nem todos podem certificar-se da verdade, de modo que alguém pode destruir-se se seguir seus pensamentos aleatórios. Por isso, a *Torá* ordena que não se pode seguir atrás dos corações e olhos, para que não se desvie da crença em D'us.

É significativo o fato de que a *Parashá* começa e termina com o conceito de explorar e espionar. Os espiões que foram reconhecer a Terra foram procurar perigos que justificassem suas próprias idéias preconcebidas. Calev e Yehoshua viram a terra e nela encontraram justificativa para a garantia de *Hashem* de que a terra era muito boa, enquanto seus companheiros viram apenas confirmações para seus medos. Portanto, a *Torá* nos adverte para não nos deixarmos levar pelos engodos que apelam ao coração e aos olhos. Em vez disso, o judeu deve ser governado por sua inteligência e fé.

**LEMÁAN TIZKERU VAASSITÊM ET COL MITSVOTAI, VIHITÊM KEDOSHIM L'ELOKECHÊM** / Para que vós vos lembreis e cumprais todos os Meus Mandamentos, e sejais santos para vosso D'us.

Apenas vestir os *tsitsiyot* não protege o judeu do pecado. A não ser que a pessoa use o *tsitsit* conscientemente para aceitar a autoridade das *mitsvot* de *Hashem*, ela se parece com uma pessoa que faz um nó em seu lenço para lembrar-se de algo – mas não sabe do quê.

Por que a mulher é isenta desta *mitsvá*?

1. A *mitsvá* de *tsitsit* vigora apenas durante o dia, pois o versículo diz: “e olhareis”; daqui nossos Sábios aprendem que esta *mitsvá* é cumprida somente quando há possibilidade de enxergar o *tsitsit*, i.e. de dia. Por conseguinte, mulheres são isentas desta *mitsvá*, como o são de todas as *mitsvot* limitadas pelo tempo.

(Na prática, o *tsitsit* é usado pelos homens continuamente para que ao acordar pela manhã, quando a *mitsvá* é obrigatória, este já esteja sobre o corpo.)

2. O *tsitsit* nos lembra de todas as *mitsvot* de *Hashem* (lembreis e cumprais **todos** os Meus mandamentos). Como as mulheres não são obrigadas a cumprir todas as *mitsvot*, não precisam usar *tsitsit*.

A *Torá* conclui que meramente lembrar não é suficiente (para que vós vos lembreis e cumprais). A pessoa deve cumprir, realizar todos os mandamentos, e não escolher algum entre esses; deve-se lembrar de todos os mandamentos e cumpri-los com o mesmo zelo e meticulosidade.

Como ensinam os Sábios: “Seja tão escrupuloso ao cumprir um mandamento ‘menor’ como ao cumprir um ‘maior’, pois você não sabe a recompensa para os respectivos mandamentos.” (*Avot* 2:1)

Tal percepção torna a pessoa sagrada, e é esta santidade o propósito de *Hashem* ao tirar *Benê Yisrael* do Egito.

**ANI HASHEM, ELOKECHÊM, ASHER HOTSÊTI ET'CHÊM MEÊRETS MITSRÁYIM, LIHYOT LACHÊM L'ELOKIM** / Eu Sou o Eterno, vosso D'us, que vos tirei da terra do Egito para ser vosso D'us.

Esta passagem conclui com a afirmação, freqüentemente repetida, de que Ele nos tirou do Egito e como conseqüência, somos obrigados a aceitá-Lo como nosso D'us.

**ANI HASHEM ELOKECHÊM** / Eu Sou o Eterno, vosso D'us.